



Revista Latinoamericana de Población

E-ISSN: 2393-6401

alap.revista@alapop.org

Asociación Latinoamericana de Población

Organismo Internacional

de Jesus, Jordana Cristina; Wajnman, Simone
Geração sanduíche no Brasil: realidade ou mito?
Revista Latinoamericana de Población, vol. 10, núm. 18, enero-junio, 2016, pp. 43-61
Asociación Latinoamericana de Población
Buenos Aires, Organismo Internacional

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323849388003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Geração sanduíche no Brasil: realidade ou mito?

Sandwich generation in Brazil: reality or myth?

Jordana Cristina de Jesus¹

Simone Wajnman²

*Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar),
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

Resumo

A “geração sanduíche” (GS) pode ser definida como os adultos comprimidos por demandas de filhos e de pais, sendo predominantemente composta por mulheres. O propósito deste estudo foi identificar e caracterizar a GS no Brasil, com base na Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios de 2008. Foram analisados os contextos de coresidência multigeracional, com demandas potenciais por parte das gerações de filho(s) e de mãe. Observou-se maior prevalência de demandas potenciais simultâneas no domicílio para mulheres de 40 a 49 anos, grupo que foi definido como GS. Verificou-se que o cenário de “ensanduichamento” não é típico na vida das mulheres em meia idade, já que características como escolaridade, participação no mercado de trabalho e raça, que se associam positivamente à presença de filhos de menos de 14 anos no domicílio, são as que se associam negativamente à coresidência com mães com algum tipo de incapacidade, resultando em baixas prevalências de ambas as situações simultâneas.

Palavras-chave: Geração sanduíche. Relações intergeracionais. PNAD, Brasil.

Abstract

The “Sandwich Generation” (SG) can be defined as a generation of people who are caring for their aging parents while supporting their own children, predominantly composed of women. The purpose of this study was to identify and characterize the SG in Brazil, based on National Sample Household Survey of 2008. We analyzed women that have to deal with the potential demands of coresident mothers and children. There was a higher prevalence of potential simultaneous demands at the household for women aged 40 to 49 years. This group was defined as SG. The results show that to be sandwiched does not represent the typical role of women in the middle ages, since characteristics such as education, labor force participation and race, which are positively associated with the presence of children under age 14 at the household are those negatively associated with the presence of mothers with disability, leading to low prevalence of both situations simultaneously.

Keywords: Sandwich generation. Intergenerational relations. PNAD, Brazil.

Enviado: 18/3/2016

Aceptado: 24/6/2016

- 1 É doutoranda em Demografia pelo Programa de Pós-Graduação do Cedeplar/FACE da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora substituta da UFMG. Suas linhas de pesquisa são: a demografia familiar com ênfase na composição dos arranjos domiciliares e transferências intergeracionais. <jordanacj@cedeplar.ufmg.br>.
- 2 É doutora em Demografia pela UFMG e professora titular do Departamento de Demografia da UFMG. Suas linhas de pesquisa são: análise da dinâmica demográfica, demografia econômica, demografia da família, e participação feminina no mercado de trabalho. <wajnman@cedeplar.ufmg.br>.

Introdução

No passado as relações entre mais de duas gerações eram não apenas raras, mas também muito pouco duradouras, pois a alta mortalidade impedia que as gerações coexistissem o tempo suficiente para existência desse cenário (Wajnman, 2012). Entretanto, a maior parte das sociedades experimentou mudanças importantes em sua dinâmica demográfica, fazendo com que essa situação passasse a ser comum na vida das pessoas.

A cossobrevivência de várias gerações é muitas vezes vista de maneira positiva, na medida em que as pessoas agora compartilham períodos de suas vidas com parentes de diferentes faixas etárias e por mais tempo. Por outro lado, a concomitância dessa sobrevivência pode significar uma sobrecarga para a geração que ocupa a posição de centralidade entre elas. Esse grupo, que tende a fornecer, simultaneamente, cuidados às gerações ascendente e descendente, tem sido nomeado na literatura de geração sanduíche (GS), metáfora utilizada para descrever a compressão entre gerações, podendo ser definida como o conjunto de adultos em meia idade comprimidos por demandas simultâneas de um ou ambos pais sobreviventes e de filhos e/ou netos dependentes (Miller, 1981).

O Brasil experimentou significativas mudanças demográficas ao longo das últimas décadas que alteraram as tendências da existência de gerações sanduíche, como a redução da fecundidade e o aumento da expectativa de vida. Mesmo com essas mudanças, a literatura nacional ainda é incipiente sobre questões multigeracionais, principalmente no que tange à geração sanduíche.

Neste trabalho, investiga-se a presença da geração sanduíche no Brasil, discutindo as situações de cossobrevivência e coresidência e de potencial dependência entre três gerações. Objetiva-se, em primeiro lugar, identificar empiricamente qual é o grupo etário que pode ser mais bem identificado como geração sanduíche e, em segundo lugar, descrever as características sociodemográficas e econômicas desta geração.

Revisão da literatura

Desde a década de 1980, os demógrafos vêm observando as tendências de aumento de ocorrência de gerações “imprensadas”. Entre os primeiros estudos tratando do tema, está o de Miller (1981), que define a geração sanduíche como os adultos em meia idade comprimidos por demandas simultâneas de um ou ambos os pais sobreviventes e de filhos e/ou netos dependentes. Estudos desenvolvidos posteriormente chamaram a atenção para o fato de que as mulheres, claramente, forneciam a maior parte dos cuidados exigidos.

De modo geral, assume-se que ter pais idosos e, simultaneamente, criar ou apoiar seus próprios filhos ou netos representa certos desafios não enfrentados por outros adultos. Com efeito, grande parte dos estudos sobre GS procura demonstrar resultados negativos associados ao fato de pertencer a uma geração comprimida. Brody (1981), precursor dessa linha de análise, afirma que a posição central na família gera sobrecarga, sobretudo para as mulheres. Segundo Doress-Worters (1994), o bem-estar das mulheres que ocupam múltiplos papéis, como cuidar dos filhos e dos pais idosos simultaneamente, pode ser afetado de duas formas: pela maior demanda por seu tempo, sendo que não existe, em geral, uma mesma exigência dos homens da família; e pelas restrições de tempo e mobilidade impostas por essas necessidades de cuidados, que acabam por limitar outros papéis sociais, como atuar no mercado de trabalho, por exemplo. Por sua vez, Marks (1998)

argumenta que, se os conflitos entre o trabalho e a família fossem eliminados, o cuidado simultâneo com as gerações ascendentes e descendentes seria mais frequentemente associado a efeitos positivos sobre o bem-estar.

De Rigne e Ferrante (2012), a partir de uma ampla revisão da literatura dos Estados Unidos sobre esta geração, também destacam resultados que apontam para impactos nos âmbitos psicológico, físico, de mercado de trabalho e financeiro. Apesar de encontrar resultados negativos, esta revisão também apresenta estudos que identificam efeitos positivos ou mesmo nenhum efeito sobre os adultos “ensanduichados”.

Assim, apesar de haver argumentos que sustentem que o cuidado simultâneo de duas gerações acarreta uma pior condição de bem-estar para a GS, esse resultado muitas vezes não é observado empiricamente. Loomis e Booth (1995), por exemplo, concluíram que as responsabilidades familiares simultâneas têm pouco ou nenhum efeito sobre o bem-estar da geração sanduíche, mesmo depois de consideradas as horas semanais dedicadas ao mercado de trabalho, sugerindo a possibilidade de que a GS seja apenas um mito. Os resultados dos estudos quantitativos e qualitativos de Merz *et al.* (2010) vão nessa linha, apoiando a noção de que, embora os cuidados simultâneos com pais idosos e filhos possam estar associados a estresse e depressão, os efeitos observados tendem a ser muito pequenos. Outro estudo, realizado em 2001, pela AARP, uma organização sem fins lucrativos de idosos norte-americanos, demonstrou que a “geração do meio” sente-se, em grande parte do tempo, confortável nessa situação, significando que esses adultos estão comprimidos, mas não estressados. Do mesmo modo, uma investigação com uma amostra de adultos no Reino Unido, em 2012, corrobora esse tipo de argumento, apontando que a maior parte dos adultos cuidando de gerações ascendentes e descendentes concordava que isso gera um sentimento positivo e expressa um melhor relacionamento com familiares.

A ausência de consenso quanto aos efeitos negativos ou positivos de pertencer a uma geração sanduíche parece estar fortemente associada à questão metodológica de se identificar de modo preciso o subgrupo populacional que represente adequadamente o fenômeno. Motivados por essa questão, muitos autores têm se debruçado sobre a tarefa de estimar o percentual de pessoas adultas que podem, de fato, ser classificadas como GS. Para Künemund (2006), os estudos iniciais sobre esse tema não previam informações confiáveis da proporção de adultos “ensanduichados”. A fragilidade apontada pelo autor é que a hipótese de que pais sobreviventes, demanda dos filhos por cuidados e participação na força de trabalho sejam situações que, tipicamente, coincidem não é de fato comprovada por análises empíricas. Isso significa que a característica ressaltada das demandas – a simultaneidade – pode não ter sido avaliada de maneira devida. O simples fato de haver mais pais sobreviventes e maior participação das mulheres no mercado de trabalho, por si só, não deveria ser o problema. O ponto que deve ser avaliado é a concomitância desses eventos, que poderiam, então, gerar sobrecarga.

Rosenthal *et al.* (1996), em estudo para o Canadá, confirmam tal hipótese, concluindo que estar comprimido entre essas demandas não é o evento típico na vida dos adultos. Pierret (2006), fazendo uso do National Longitudinal Survey of Young Women da década de 1990, verificou que apenas 9% das mulheres estadunidenses nas idades entre 40 e 50 anos forneciam apoio substancial para essas gerações demandantes. Uma análise empírica para a Suíça, país caracterizado por uma tradição de formação familiar tardia, mostra que apenas uma minoria, entre 6% e 7% de mulheres com 40 a 49 anos, experimentava a situação de “ensanduichamento” (Höpflinger e Baumgartner, 1999). Para a Grã-Bretanha,

Evandrou *et al.* (2002) estimaram que a proporção de indivíduos na meia-idade que têm várias funções, em termos de trabalho remunerado e cuidado da família, é de apenas 2%, o que se deve, principalmente, à proporção relativamente pequena (7%) de pessoas nessa faixa etária que estão cuidando de um dependente. Resultados mais recentes, como os de Wiemers e Bianchi (2014), referentes aos EUA, apontam que, em 2007, apenas 3% das mulheres nessa posição central forneciam algum tipo de apoio concomitantemente aos pais idosos e aos filhos jovens.

Como vários autores destacaram, as definições de apoio e cuidados pessoais assumem papel muito relevante, já que é a partir delas que se categoriza o indivíduo como sendo pertencente ou não à GS (Kahn *et al.*, 2014; Künemund, 2006; Pierret, 2006).

Essas variações quanto à definição do que seria o cuidado oferecido de maneira simultânea pela GS a seus dependentes podem explicar a grande amplitude dos resultados encontrados sobre o tema. Künemund (2006) destaca que de 1% a 80% dos adultos analisados na literatura podem ser classificados como pertencentes a essa geração. À medida que se avança de definições mais amplas, que exigem apenas a sobrevivência de tais gerações, para aquelas mais precisas, que requerem concomitância de cuidado efetivo aos pais e filhos corresidentes e participação na força de trabalho, naturalmente, a proporção de pessoas pertencentes à GS diminui.

Mesmo entre características mais objetivas, ainda há importantes variações nos estudos. Enquanto Pierret (2006) estima a parcela de mulheres de 40 a 50 anos que fazem parte da GS, Grundy e Hernetta (2006) consideram aquelas com 55 a 69 anos. A amostra do estudo de Fingerman *et al.* (2010) incluiu adultos entre 40 e 60 anos, de ambos os sexos, e Henretta *et al.* (2001) delimitam seu estudo para as mulheres de 55 a 63 anos, enquanto Wiemers e Bianchi (2014) utilizam o intervalo de 45 a 64 anos.

O que essa vasta quantidade de estudos e o debate alçado demonstram é que o tema GS tem sido bem tratado na literatura internacional, ao contrário do que ocorre na latino-americana. Em um raro exemplo dessa discussão, Artilles (2008), ao mencionar o caso da GS em Cuba, argumenta que o cuidado de idosos e de gerações jovens leva a estados de tensão e preocupação, atentando para a necessidade de mais pesquisas sobre o tema. Para a autora, a “sobrecarga de gênero”, ao concentrar as atividades de cuidado entre as mulheres, pode agir como um fator de risco para a saúde das mulheres de meia-idade.

Na literatura brasileira, especificamente, a pesquisa sobre o efeito de se exercer múltiplas papéis centrou-se basicamente na temática de mercado de trabalho e criação de filhos, negligenciando as demandas por parte dos idosos. Os estudos tratando dessa temática avaliam as variáveis de inserção no mercado de trabalho quando a mulher possui filho(s) corresidentes. Em geral, os trabalhos demonstram que os indicadores das mulheres variam muito mais do que os dos homens, sugerindo que a inserção delas é bem mais sensível ao tipo de família em que estão incluídas (Sorj *et al.*, 2007: 587).

Jesus e Wajnman (2014) definiram a GS apenas segundo a coexistência de mãe e filho e a corresidência com esses parentes. O objetivo das autoras era descrever as características mais prováveis de mulheres que, tendo filhos corresidentes, corresidissem também com suas mães. As análises foram feitas a partir do Censo Demográfico brasileiro de 2010 e consideraram as mulheres de 40 a 50 anos de idade com mãe e filho(s) vivos. Demonstrou-se que as mulheres casadas e fora da força de trabalho apresentaram probabilidades maiores de corresidir também com a mãe, dado que corresidiam também com pelo menos um filho. O efeito da renda sobre a probabilidade de corresidência sugere um

formato “U” invertido, já que para estratos de renda mais baixos e para os mais altos encontra-se menor probabilidade de coresidir com a mãe. Acredita-se que os muito pobres não seriam capazes de arcar com a elevação de despesa decorrente do acolhimento de outro parente e os muito ricos, por sua vez, poderiam manter os benefícios da proximidade familiar, bancando as despesas em domicílios separados. Esses achados corroboram os de outros autores, como Pierret (2006), Kennedy e Ruggles (2012) e Wajnman (2012).

Lima *et al.* (2015) demonstraram que as tendências na proporção de mulheres na condição de GS, no Brasil, seguem um padrão semelhante ao da transição demográfica. À medida que a mortalidade inicia sua queda e a fecundidade permanece em patamares elevados, a proporção de mulheres “ensanduichadas” aumenta e se mantém em níveis elevados. Com o avançar da transição, a queda da fecundidade, combinada com mudanças contínuas no perfil etário da mortalidade, faz com que o percentual de mulheres que cuidam de crianças e que têm, simultaneamente, pais que precisam de cuidados se reduza. Isso significa que houve uma queda da extensão do tempo médio de “ensanduichamento” das mães no Brasil, resultado que corrobora os achados de Mason e Zagheni (2014) a nível global. Os autores se valeram de microsimulações para estimar o percentual de mulheres integrantes da GS, demonstrando que as microsimulações são ferramentas poderosas, mas dependem da adoção de pressupostos bastante simplificadores.

Neste trabalho, optamos por explorar os dados empíricos disponíveis que permitem observar, diretamente, o percentual de mulheres “ensanduichadas”, sem que sejam necessários modelos e pressupostos. As mulheres são o grupo de interesse no estudo da GS, porque, assim como já apontado na literatura, são mais propensas a se engajarem em atividades de cuidados na família e nos domicílios (Brody, 1981, 1990; Coward e Dwyer 1990; Motta, 2010).

Antes de apresentar a análise empírica, devem ser destacadas algumas especificidades do contexto sociodemográfico brasileiro. Em primeiro lugar, assim como os outros países da América Latina, o Brasil experimentou significativas mudanças demográficas ao longo das últimas décadas que alteraram as tendências de existência de gerações sanduíches. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida do brasileiro ao nascer passou de 48,0 anos, na década de 1960, para 74,6 anos em 2012. A redução da mortalidade nas idades adultas faz com que cada vez mais indivíduos adultos tenham seus pais ainda vivos. Em 1980, dos adultos de 40 a 60 anos, 43,3% possuíam mãe viva, proporção que passou para 54,1% em 2010.

A fecundidade também experimentou significativas alterações e tem influência sobre a probabilidade de um indivíduo fazer parte dessa geração. Desde a segunda metade da década de 1960, essa componente da dinâmica demográfica tem experimentado uma sustentada queda. A taxa de fecundidade total (TFT) no Brasil, que em 1960 girava em torno de seis filhos por mulher, diminuiu para 1,9, segundo o Censo de 2010, ficando abaixo do nível de reposição. Por um lado, quanto menor o nível da fecundidade, menores são as demandas das gerações descendentes, já que a quantidade de filhos pode ser um fardo mais pesado do que a própria conciliação entre cuidado simultâneo de gerações. Por outro lado, a baixa fecundidade levará, nas próximas décadas, a uma tendência de que pessoas de meia idade tenham menos irmãos com quem compartilhar a demanda de cuidados por parte dos pais idosos. Outra implicação da fecundidade sobre a chance de pertencimento a essa geração é a idade em que ela ocorre. A precocidade do primeiro filho antecipa o “ensanduichamento”, já que gera intervalos de idade menores entre as gerações. Apesar da

queda do nível da fecundidade no país, as adolescentes apresentaram aumento na sua taxa de fecundidade, entre 1980 e 2000, o que levou a uma concentração da fecundidade nas idades mais jovens (Alves e Cavenaghi, 2009; Cavenaghi e Alves, 2009, 2011, 2012). Nesse período, a contribuição das mulheres de 15 a 24 anos para a fecundidade total aumentou de 36,5% para 47,9% (Martins, 2016). A fecundidade precoce pode significar a existência de mais uma geração demandante: a de netos. Isso faz com que a carga sobre as mulheres aumente, uma vez que elas têm de lidar, simultaneamente, com pais sobreviventes demandando cuidados, filhos enfrentando os desafios da inserção no mercado de trabalho e ainda as tarefas e custos da procriação dos netos gerados precocemente (Wajnman, 2012).

Do ponto de vista da geração de filhos, uma importante força atuante na propensão a filhos e pais simultaneamente demandantes é o adiamento da independência econômica e psicológica dos filhos em relação aos pais. Como as gerações mais jovens agora levam mais tempo para fazer a transição para a vida adulta, estende-se o tempo de demandas recaindo sobre a GS (Settersten e Ray, 2010). No caso brasileiro, os filhos têm passado cada vez mais tempo na condição de dependentes em termos econômicos e psicológicos, principalmente quando comparados à geração de seus próprios pais. Entre 1982 e 2002, o percentual de jovens de 15 a 24 anos que só estudavam passou de 15,2% para 27,0%, entre os homens, e de 21,3% para 34,0%, entre as mulheres. Este crescimento está atrelado a um maior tempo contando com o suporte dos pais. Outra evidência é o aumento na idade ao sair da casa dos pais. Para os jovens do sexo masculino, por exemplo, no mesmo período, observa-se que os 25% primeiros a saírem da casa dos pais passaram a fazê-lo 0,4 ano mais tarde, os medianos retardaram a saída em um ano e os que saem mais tarde (últimos 25%) adiaram em 1,6 ano esse movimento (Camarano *et al.*, 2004).

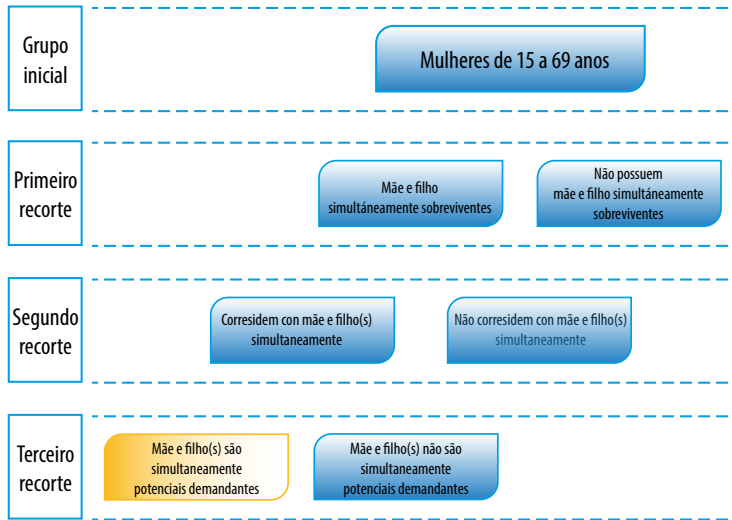
Outro aspecto a ser destacado diz respeito à peculiaridade do sistema de seguridade social brasileiro, que nas últimas décadas tem conferido crescente poder econômico para os idosos, por meio da maior cobertura das aposentadorias urbanas e rurais e da extensão dos benefícios assistenciais aos idosos pobres sem registro de contribuição previdenciária. Apesar de os idosos viverem mais e com mais incapacidades, ampliando a demanda por cuidados, o aumento de sua renda relativa possibilita a opção por arranjos domiciliares multigeracionais, nos quais o idoso pode contribuir com renda e receber, em troca, os cuidados de que necessita (Barbosa e Silva, 2003; Camarano *et al.*, 2004; Carvalho e Lazo, 2012).

Metodologia

No Brasil, as pesquisas domiciliares constituem a principal fonte de informação para o estudo quantitativo das famílias e dos arranjos domiciliares. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada anualmente pelo IBGE, constitui a segunda principal fonte de dados populacionais, após o Censo Demográfico. A PNAD apresenta a vantagem de possuir informações detalhadas sobre características demográficas e socioeconômicas da população e abordar temas específicos, como saúde, educação, especificidades de participação no mercado de trabalho, etc. A PNAD utilizada neste trabalho é a de 2008, a mais recente contendo um suplemento de saúde, que permite analisar a condição de saúde da mãe presente no domicílio. Nesta PNAD, foram entrevistadas 391.868 pessoas e 150.591 unidades domiciliares em 851 municípios distribuídos por todas as unidades da federação.

O caminho adotado neste trabalho para identificar a GS, a partir de uma análise empírica, foi eleger um grupo amplo de mulheres, ao qual foram aplicados sucessivos recortes até que se encontrou aquele que mais provavelmente ilustraria a GS no Brasil, considerando as possibilidades de análises com base nas atuais fontes de dados brasileiras. A Figura 1 apresenta a estrutura dos recortes realizados para a identificação da GS.

Figura 1
Estrutura dos recortes realizados para a identificação da GS



Fonte: Elaboração própria

O primeiro recorte aplicado foi o de sobrevivência simultânea das gerações de mãe³ e filho(s) das mulheres que potencialmente poderiam ser caracterizadas como GS. Esse recorte delimitou o primeiro grupo de interesse, ou seja, o de mulheres em cenário de cos-sobrevivência de duas gerações de parentes, uma ascendente e outra descendente. É muito provável que nem todas as mulheres que fazem parte desse cenário de cossobrevivência de fato forneçam algum tipo de cuidado a essas gerações simultaneamente, mas a existência desses parentes vivos é condição para que tais trocas se efetivem. Quando analisamos os efeitos associados ao pertencimento à GS, comparando mulheres “ensanduichadas” com as não “ensanduichadas”, não devemos incluir no segundo grupo aquelas que não estão sob o risco dessa situação, devido ao fato de não possuírem a oferta desses parentes. Wiemers e Bianchi (2014) destacam que muitos estudos nem sempre são cuidadosos em determinar o grupo de indivíduos em risco de estar impensado, o que gera comparações viesadas, já que pessoas que têm simultaneamente filhos e mães sobreviventes tendem a possuir características socioeconômicas e demográficas diferentes das que não têm.

Esse primeiro recorte engloba mulheres com idade entre 15 e 69 anos. O limite inferior deve-se ao fato de que, a partir dessa idade, já é possível ter simultaneamente mãe e filho vivos. O limite superior, por sua vez, foi escolhido porque, a partir dos 70 anos, a

3 Vale destacar que a existência de mãe sobrevivente é a única informação de relação de parentesco fora dos limites do domicílio inquerida pelas pesquisas domiciliares. Por essa razão, esse estudo limita a mãe como o único parentesco ascendente analisado.

sobrevivência simultânea de mãe e filho(s) é consideravelmente mais rara. Esse amplo intervalo acaba incluindo mulheres em situações muito distintas daquelas descritas como “ensanduichamento” na literatura. Apesar disso, deseja-se acompanhar toda a extensão do ciclo de vida das mulheres para identificar em quais idades há maior chance de ocorrência dos cenários de cossobrevivência, coresidência e demandas potenciais. Ao serem identificadas as idades de maior chance de ocorrência desses cenários, é possível verificar se a maior disponibilidade desses parentes é acompanhada de maior chance de coresidência. Caso esses eventos não sejam coincidentes, que é uma das primeiras hipóteses com que se trabalha, pode-se supor que outras condicionantes estejam operando sobre as interações entre essas três gerações. Entre tais condicionantes, podem estar as necessidades financeiras dos filhos e de cuidados por parte da mãe, sendo que a coresidência poderia ter sido a estratégia escolhida para favorecer essas trocas.

O segundo recorte aplicado foi o de coresidência simultânea com a geração de mãe e a de filho(s). O terceiro e último recorte correspondeu à existência de demandas potenciais das gerações de mãe e filho(s) coresidentes.

As gerações potencialmente demandantes, como o próprio termo indica, são aquelas com características às quais atribuímos maiores chances de apresentar demandas para a geração intermediária de mulheres entre elas. Para os filhos, sob a hipótese de que crianças necessitam de cuidados de certo modo constantes, definimos que aqueles com até 14 anos caracterizariam uma demanda potencial. Evidentemente, os filhos não deixam de produzir demandas após essa idade, sobretudo em um contexto em que, como destacado anteriormente, os filhos demoram cada vez mais tempo para se tornarem econômica e emocionalmente independentes de seus pais. No entanto, assumimos que até essa idade as demandas competem diretamente com outras atividades da vida da mulher, já que se trata de cuidados requeridos de maneira praticamente constante ao longo dos dias. Além disso, entende-se também que até essa idade existe uma baixa participação dos filhos nas atividades domésticas ou em outro tipo de atividade de cuidado no domicílio, enquadrando os filhos na situação predominante de potencialmente demandante.⁴

Para a mãe, será considerada potencialmente demandante a mulher que tenha respondido “Não consegue”, “Tem grande dificuldade” ou “Tem pequena dificuldade” ao quesito “normalmente, por problema de saúde, tem dificuldade para alimentar-se, tomar banho ou ir ao banheiro, seja essa dificuldade pequena, grande ou totalmente incapacitante” (PNAD, 2008). Acredita-se que essas mulheres têm maiores chances de demandar cuidados instrumentais da GS.

Por fim, depois de identificada a GS, foram estimados modelos de regressão logística múltiplos para identificação das características sociodemográficas e econômicas associadas a cada contexto de demanda potencial das mães e dos filhos. Tais modelos não foram empregados com o intuito de estabelecer causalidade entre as demandas dessas gerações e as variáveis sociodemográficas e econômicas das mulheres consideradas GS, mas sim para identificar as características predominantes em cada caso. No primeiro modelo testamos a variável resposta “ter filho potencialmente demandante no domicílio dado que a mulher coreside com mãe e filho”; e no segundo modelo, foi testada a variável

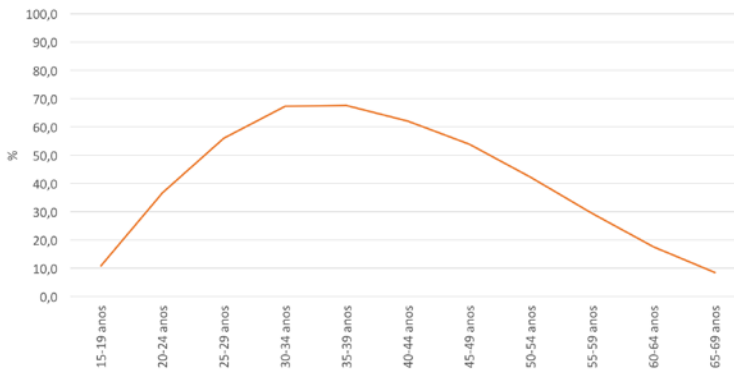
4 É preciso destacar que a definição dessa idade é arbitrária e influencia diretamente os resultados de um estudo como o que propomos, já que o percentual de pessoas enquadradas na GS será tanto maior quanto mais elevada for a idade fixada como limite. Neste trabalho, optamos por fixar esse limite na idade em que as crianças completam o ensino fundamental.

“ter mãe potencialmente demandante dado que a mulher coreside com mãe e filho”. As variáveis explicativas incluídas em ambos os modelos organizam-se em características socioeconômicas e de localização do domicílio (total de moradores, moradores idosos, renda domiciliar per capita, percentual da renda da mãe na renda domiciliar, residência no meio urbano, região de residência no país) e em características individuais da mulher que coreside com mãe e filho simultaneamente (idade, anos de estudo, cor/raça, ser chefe, ter cônjuge no domicílio, número de filhos no domicílio, ser economicamente ativa). Espera-se que, com esse conjunto de variáveis, seja possível identificar as características que diferenciam ou assemelhem as chances de uma mulher ter filho e mãe potencialmente demandantes corresidindo no domicílio.

Resultados

Como descrito anteriormente, o ponto de partida para a identificação empírica da GS é o grupo de mulheres com idade entre 15 e 69 anos. Em 2008, havia no Brasil pouco mais de 30 milhões de mulheres nesse intervalo etário. O Gráfico 1 apresenta a proporção de mulheres, segundo grupos de idade, para as quais foi observada sobrevivência simultânea da mãe e pelo menos um filho. Aproximadamente 45% das mulheres nessa faixa etária possuíam tais parentes simultaneamente vivos. Além disso, as maiores chances de ocorrência desse fenômeno são observadas para as idades de 30 a 39 anos, em que aproximadamente 70% dessas mulheres possuem mãe e filho(s) simultaneamente vivos.

Gráfico 1
Proporção de mulheres de 15 a 69 anos que possuem filho(s) e mãe sobreviventes, segundo grupos de idade. Brasil, 2008



Fonte: Elaborado a partir da PNAD, 2008 (IBGE).

A Tabela 1 mostra a proporção de mulheres em cada grupo de idade que compartilham o domicílio com mãe e filho(s), considerando: todas as mulheres; e apenas aquelas com mãe e pelo menos um filho simultaneamente sobreviventes.

Em ambos os casos – total de mulheres e mulheres com filhos e mãe simultaneamente sobreviventes –, a maior parcela corresidindo com mãe e filho corresponde às mulheres de até 29 anos. Pode-se inferir, portanto, que a corresidência não se dá nos períodos em que há maior oferta de filhos e mães sobreviventes (Gráfico 1), mas muito provavelmente em momentos de maior exigência de apoio entre essas gerações. A maior chance de corresidência com a geração de mãe e filho em idades mais jovens decorre, possivelmente, do

contexto de fecundidade precoce, em que muitas vezes há também a ausência de cônjuge. Achados como o de Wajnman (2012) corroboram a hipótese de que essa coresidência está associada à fecundidade precoce e tem se tornado mais comum do que foi no passado no Brasil. A autora constatou que houve, nas últimas décadas, um declínio da proporção de famílias estendidas em função da presença de pais e outros parentes do responsável pelo domicílio, sendo que a extensão se deu pelo aumento da presença de netos. Em 2000, 56,0% das famílias estendidas possuíam netos. Estes, na maior parte dos casos, tinham no domicílio apenas as suas mães, quase sempre filhas do responsável pelo domicílio, ou nenhum dos pais (37,4% dos casos).

Tabela 1

Proporção de mulheres com mãe e filho(s) coresidentes, considerando todas as mulheres e apenas as mulheres com mães e pelo menos um filho simultaneamente sobreviventes, segundo grupos etários. Brasil, 2008

| Grupos etários | Mulheres com mãe e filho(s) coresidentes, todas as mulheres (%) | Mulheres com mãe e filho(s) coresidentes, com mãe e pelo menos um filho simultaneamente sobreviventes (%) |
|----------------|---|---|
| 15-19 anos | 2,68 | 23,55 |
| 20-24 anos | 6,36 | 16,77 |
| 25-29 anos | 6,13 | 10,70 |
| 30-34 anos | 5,59 | 7,68 |
| 35-39 anos | 3,70 | 5,40 |
| 40-44 anos | 3,45 | 5,44 |
| 45-49 anos | 2,60 | 4,67 |
| 50-54 anos | 2,19 | 5,05 |
| 55-59 anos | 1,79 | 5,88 |
| 60-64 anos | 1,13 | 6,32 |
| 65-69 anos | 0,52 | 5,56 |

Fonte: Elaborado a partir da PNAD, 2008 (IBGE)

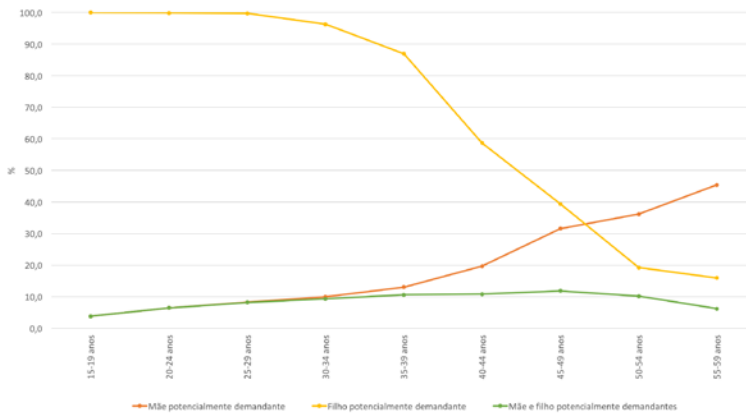
Percebe-se, então, que a GS não pode ser identificada simplesmente pelo critério de maior prevalência de coresidência multigeracional, uma vez que tal ocorrência concentrou-se entre as mulheres jovens, que muito se distanciam da definição na literatura para GS, sobretudo porque, em vez de proverem cuidados para as gerações ascendentes e descendentes simultaneamente, elas provavelmente estão recebendo, juntamente com seus filhos, cuidados e transferências de suas mães. Apesar de estas últimas mulheres não estarem posicionadas entre essas gerações, no modelo multigeracional apresentado na literatura, elas oferecem apoio a duas gerações, ambas descendentes. Para um percentual relativamente expressivo dessas mulheres coresidentes com filhas e netos (cerca de 7%), observa-se também a presença de suas próprias mães no domicílio. Essas mulheres, que compartilham o domicílio com mais três gerações, certamente devem ser classificadas como geração sanduíche. Pennec (1997), por exemplo, considera geração “ensanduichada” não apenas os adultos entre pais e filhos, mas também entre pais, filhos e netos.

Dando continuidade ao processo de identificação da GS, interessa-nos saber em quais fases do ciclo de vida da mulher concentram-se as maiores chances de experimentar o cenário de múltiplas demandas no domicílio. Acreditamos que o grupo de mulheres

corresidentes com gerações ascendente e descendente potencialmente demandantes no intervalo de idade em que há maior chance de ocorrência desse fenômeno é parte da GS possível de ser identificada pelas atuais fontes de dados do Brasil. O Gráfico 2 apresenta a proporção de mulheres de 15 a 59 anos⁵ coresidentes com filhos e mãe potencialmente demandantes.

Observa-se que o aumento da idade da mulher comprimida entre as gerações ascendente e descendente é acompanhado por uma diminuição do fardo dos filhos, já que estes tornam-se mais velhos e uma proporção decrescente deles terá menos de 14 anos. Para as mães potencialmente demandantes, o comportamento é distinto, pois, à medida que a mulher se torna mais velha, sua mãe também envelhece e passa a apresentar, mais frequentemente, limitações para realizar atividades básicas do dia a dia por motivos de saúde. Para as mulheres do grupo de 15 a 19 anos, por exemplo, verifica-se que menos de 5% possuem mães em situação de potencial demanda. Para o grupo de 55 a 59 anos, o quadro já é de mais de 45% das mães com potenciais demandas.

Gráfico 2
Proporção de mulheres coresidentes com filho, mãe e ambos potencialmente demandantes em domicílios em que as três gerações coresidem. Brasil, 2008



Fonte: Elaborado a partir da PNAD, 2008 (IBGE)

É interessante destacar como essas duas forças se combinam. Com o aumento da idade das mulheres, o fardo dos filhos diminui, enquanto a condição de saúde de sua mãe se deteriora. Essas duas forças caminham de maneira que se observa maior prevalência da coresidência com demandas potenciais no domicílio para as mulheres de 40 a 44 e de 45 a 49 anos. Em ambos os grupos etários, aproximadamente 10% das mulheres coresidentes com mãe e filho(s) estão diante de demandas potenciais das duas gerações no domicílio. Dada a estratégia de identificação que definimos aqui, essas mulheres compreendem o grupo que, empiricamente, pode ser descrito como a geração sanduíche no Brasil. São, portanto, mulheres entre 40 a 49 anos, coresidindo simultaneamente com mães e filhos potencialmente demandantes e que representam em torno de 10% do total das mulheres, desse grupo etário, que coresidem simultaneamente com mãe e filho(s). Este é

5 Os grupos etários de 60 a 64 e 65 a 69 anos, por representarem um grupo relativamente pequeno, não podem ser desagregados por condição de saúde da mãe e idade dos filhos.

o percentual de mulheres que já tendo no domicílio a geração de mãe e filho, enfrenta demandas potenciais por parte de ambas as gerações.

Mesmo sendo possível identificar o maior percentual de mulheres com demandas potenciais simultâneas no domicílio no intervalo de idade de 40 a 49 anos, deve-se destacar que este montante não é muito distinto daquele observado nas demais idades. Contudo, o intervalo de idade escolhido coincide com o que já foi utilizado na literatura.

Como anteriormente demonstrado, o “ensanduichamento”, tomando como definição a presença de mãe e filho potencialmente demandantes no domicílio, não é cenário típico na vida das mulheres de meia idade no Brasil. Observou-se que no momento do ciclo de vida com maior chance de demandas simultâneas no domicílio, apenas 11% das mulheres sob o risco de “ensanduichamento” estavam de fato em tal situação. Esse resultado corrobora os achados de baixas prevalências de “ensanduichamento” entre os adultos estudados na literatura, como os apresentados por Pierret (2006), Höpflinger e Baumgartner (1999) e Evandrou, Glaser e Henz (2002).

Para sumarizar os recortes aplicados até a identificação da geração sanduíche, a Tabela 2 apresenta a distribuição da população feminina de 15 a 69 anos, segundo cada um dos recortes aplicados: o de cossobrevivência, o de coresidência e o de coresidência com as gerações de filho(s) e mãe potencialmente demandantes. Observa-se que, no Brasil, em 2008, havia cerca de 30 milhões de mulheres em cenários de cossobrevivência, ou seja, com mãe e filho simultaneamente vivos. Esse montante representa 44,6% da população feminina nesse intervalo etário. Percebe-se que, ao caminhar pelos sucessivos recortes, terminamos com um total de aproximadamente 45 mil mulheres integrantes da GS tal como definimos.⁶

Tabela 2

Frequência e distribuição relativa da população feminina de 15 a 69 anos, segundo cenários de cossobrevivência e coresidência com filho(s) e mãe e “ensanduichamento”. Brasil, 2008

| Grupos | Frequência | Percentuais |
|---|------------|-------------|
| População feminina 15 a 69 anos | 68.803.202 | 100,0 |
| Com mãe e filho cossobreviventes | 30.661.100 | 44,56 |
| Com mãe e filho coresidentes | 2.511.815 | 3,65 |
| Com mãe e filho coresidentes potencialmente demandantes | 206.056 | 0,30 |
| Geração sanduíche | 44.407 | 0,06 |

Fonte: Elaborado a partir da PNAD, 2008 (IBGE)

6 Lima *et al.* (2015) apresentam estimativas do percentual de mulheres “ensanduichadas” a partir da década de 1980 até 2000 no Brasil, bastante similares, ou seja, inferiores a 1% da população de mulheres. Nas estimativas dos autores, foram utilizadas apenas funções de mortalidade, fecundidade e de casamento em microssimulações. Assim, quando foi definida a existência de uma geração dependente, fosse ela a de filhos ou a de pais, esta foi feita apenas com base no critério de sobrevivência. Foram consideradas “ensanduichadas” as mulheres que possuíam a oferta de parentes, sem qualquer outro critério objetivo que apontasse para a realização de transferências e cuidados simultâneos, como a coresidência. Os autores consideraram que uma mulher estaria ensanduichada se tivesse ao menos um filho vivo com menos de dez anos e uma mãe que estivesse a cinco anos da idade provável da morte.

Caracterização da GS

A seguir são apresentados os resultados dos modelos de regressão logística estimados para a identificação das características sociodemográficas e econômicas associadas a cada contexto de demanda potencial das gerações de filhos e de mães. No primeiro modelo, a variável resposta é “possuir filho potencialmente demandante”, cujos resultados se encontram na Tabela 3, e, no segundo, a variável resposta é “possuir mãe potencialmente demandante”, cujos resultados estão na Tabela 4. Em ambos os casos, foram consideradas as mulheres de 40 a 49 anos que corresidem simultaneamente com mãe e filho.

No caso do primeiro modelo, observou-se que a escolaridade (medida pelos anos de estudos) e a participação no mercado de trabalho (ser economicamente ativa) associam-se positivamente com a probabilidade de ter filhos potencialmente demandantes, ou seja, com idade igual ou inferior a 14 anos. Ser da cor/raça parda ou preta, por outro lado, associa-se negativamente a esta probabilidade. No segundo modelo (que testa a probabilidade de ter mãe potencialmente demandante), percebe-se que essas mesmas variáveis – escolaridade e participação no mercado de trabalho – associam-se à maior prevalência de existência de demandas potenciais. A raça/cor parda e preta, por sua vez, está associada a maiores prevalências de mães potencialmente demandantes.

Tabela 3

Coefficientes estimados a partir de modelo logístico para a probabilidade de as mulheres de 40 a 49 anos corresidentes com mãe e filho terem filho potencialmente demandante no domicílio, segundo características sociodemográficas e econômicas. Brasil, 2008

| Variáveis | Coefficiente | Desvio Padrão | P> z |
|---|--------------|---------------|--------|
| Idade | -0,1659 | 0,0013 | 0,0000 |
| Ser chefe | -0,1780 | 0,0088 | 0,0000 |
| Ter cônjuge no domicílio | 0,3545 | 0,0082 | 0,0000 |
| Proporção da renda da mãe da mulher na renda domiciliar | 0,0028 | 0,0000 | 0,0000 |
| Número de moradores | -0,1576 | 0,0030 | 0,0000 |
| Número de moradores idosos | -0,0099 | 0,0081 | 0,2230 |
| Número de filhos no domicílio | 0,5227 | 0,0053 | 0,0000 |
| Cor/raça parda ou preta | -0,1295 | 0,0080 | 0,0000 |
| Anos de estudo | 0,0679 | 0,0010 | 0,0000 |
| Logaritmo da renda domiciliar per capita | -0,3734 | 0,0069 | 0,0000 |
| Economicamente ativas | 0,3419 | 0,0082 | 0,0000 |
| Residência no meio urbano | -0,0191 | 0,0137 | 0,1630 |
| Região (Norte referência) | | | |
| Nordeste | -0,0795 | 0,0162 | 0,0000 |
| Sudeste | 0,1451 | 0,0160 | 0,0000 |
| Sul | 0,3241 | 0,0186 | 0,0000 |
| Centro-oeste | 0,3726 | 0,0200 | 0,0000 |
| _cons | 8,0184 | 0,0747 | 0,0000 |
| Pseudo R ² | 0,0978 | | |

Fonte: Elaborado a partir da PNAD, 2008 (IBGE)

Com relação à idade, os modelos estimados apontam para o que já havia sido demonstrado no Gráfico 2: mulheres mais velhas têm menos chances de terem um filho potencialmente demandante. Por outro lado, o aumento da idade significa maiores chances de que a mãe relate dificuldades para realizar atividades do dia a dia e seja considerada potencialmente demandante.

A posição ocupada pela mulher no domicílio também tem influência diferenciada sobre a probabilidade de coresidência com essas duas gerações. Quando não estão à frente da responsabilidade pelo domicílio, as mulheres apresentam maiores chance de possuir um filho de até 14 anos em casa. Já quando elas são responsáveis pelo domicílio, as chances de coresidir com uma mãe potencialmente demandante aumenta. Ainda com relação à composição do domicílio, é possível observar que a presença de cônjuge se associa de modo positivo à presença da geração tanto de filho quanto de mãe na condição de potencialmente demandantes, assim como o número de filhos.

Tabela 4

Coefficientes estimados a partir de modelo logístico para a probabilidade de as mulheres de 40 a 49 anos coresidentes com mãe e filho terem mãe potencialmente demandante no domicílio, segundo características sociodemográficas e econômicas. Brasil, 2008

| Variáveis | Coefficiente | Desvio Padrão | P> z |
|---|--------------|---------------|--------|
| Idade | 0,1225 | 0,0015 | 0,0000 |
| Ser chefe | 0,5268 | 0,0101 | 0,0000 |
| Ter cônjuge no domicílio | 0,8674 | 0,0096 | 0,0000 |
| Proporção da renda da mãe da mulher na renda domiciliar | -0,0024 | 0,0000 | 0,0000 |
| Número de moradores | -0,0377 | 0,0033 | 0,0000 |
| Número de moradores idosos | -0,0528 | 0,0100 | 0,0000 |
| Número de filhos no domicílio | 0,0759 | 0,0056 | 0,0000 |
| Cor/raça parda ou preta | 0,3772 | 0,0093 | 0,0000 |
| Anos de estudo | -0,0771 | 0,0011 | 0,0000 |
| Logaritmo da renda domiciliar per capita | -0,4524 | 0,0084 | 0,0000 |
| Economicamente ativas | -0,4896 | 0,0089 | 0,0000 |
| Residência no meio urbano | -0,2804 | 0,0145 | 0,0000 |
| Região (Norte referência) | | | |
| Nordeste | -0,3344 | 0,0172 | 0,0000 |
| Sudeste | -0,4969 | 0,0172 | 0,0000 |
| Sul | 0,2840 | 0,0199 | 0,0000 |
| Centro-oeste | -0,7208 | 0,0233 | 0,0000 |
| _cons | -2,5979 | 0,0858 | 0,0000 |
| Pseudo R ² | 0,1109 | | |

Fonte: Elaborado a partir da PNAD, 2008 (IBGE)

É interessante notar que a variável proporção da renda da mãe da mulher na renda domiciliar também apresenta coeficientes contrários no caso da presença de filhos e mãe potencialmente demandantes. Ela foi medida dividindo-se os rendimentos totais declarados pela mãe pelo total da renda declarada no domicílio. Um aumento na participação da renda da mãe na renda total do domicílio se associa a uma diminuição da probabilidade

de que tal mãe esteja na condição de potencialmente demandante naquele domicílio. Como não se podem estabelecer relações de causalidade, é possível considerar também que as mães na condição de potencialmente demandantes podem contribuir menos com a renda do domicílio. Por outro lado, quanto maior a participação da renda da mãe na renda do domicílio, maior a chance de existir um filho potencialmente demandante.

Do ponto de vista da renda do domicílio, percebe-se que, para mulheres em domicílios com rendimento *per capita* mais alto, há uma diminuição da chance da presença tanto de filhos quanto de mãe potencialmente demandantes. Pode-se concluir que, consequentemente, as chances de se observar a GS em domicílios de maiores rendimentos são mais baixas.

Os modelos estimados demonstraram que algumas das características que se associaram negativamente à chance de ter um filho potencialmente demandante associam-se de modo positivo à chance de ter uma mãe dependente. O Quadro 1 traz um resumo destas variáveis e sua respectiva associação com a presença de cada geração no domicílio.

Quadro 1
Variáveis que apresentam efeitos contrários sobre a chance de existência de filho e de mãe potencialmente demandantes no domicílio

| Variável | Tipo de associação | |
|---|----------------------|--------------------|
| | Ter filho demandante | Ter mãe demandante |
| Idade da mulher | Negativa | Positiva |
| Ser responsável pelo domicílio | Negativa | Positiva |
| Cor/raça parda ou preta | Negativa | Positiva |
| Anos de estudo | Positiva | Negativa |
| Ser economicamente ativa | Positiva | Negativa |
| Proporção da renda da mãe da mulher na renda domiciliar | Positiva | Negativa |

Fonte: Elaborado a partir dos modelos de regressão apresentados nas tabelas 3 e 4.

Nota: Todas as variáveis têm p-valor < 0,05.

As variáveis sociodemográficas, como idade, posição no domicílio, raça/cor, escolaridade e participação no mercado de trabalho, atuam em sentidos contrários, aumentando a chance da presença de uma geração em detrimento da diminuição da chance da presença de outra geração. Provavelmente por este motivo são observadas baixas chances de que os dois eventos ocorram simultaneamente (filhos e mãe potencialmente demandantes).

Conclusão

Como anteriormente mencionado, muito pouco tem se debatido sobre a geração sanduíche, tanto na literatura latino-americana quanto, especificamente, na brasileira. A falta desse tipo de discussão pode ter sua raiz na escassez de dados, o que ficou evidente neste trabalho. Por um lado, dispomos de uma evolução na captação de relações observadas dentro do domicílio, como ocorreu no último censo brasileiro realizado, no qual as relações de parentesco foram mais bem detalhadas. Por outro lado, apesar da evolução das pesquisas no âmbito domiciliar, praticamente nenhum passo foi dado rumo a um melhor entendimento de relações que extrapolam esse limite físico.

Neste trabalho, buscou-se analisar a geração sanduíche no Brasil, discutindo as situações de cossobrevivência e coresidência e de potencial dependência entre três gerações. Demonstrou-se que os picos de disponibilidade, coresidência e demandas simultâneas não se dão nas mesmas faixas etárias ao longo do ciclo de vida das mulheres analisadas. O momento de maior oferta simultânea das gerações de mãe e de filhos é dos 30 aos 39 anos, entretanto, não é este o intervalo em que a coresidência com essas gerações é mais provável. A maior prevalência de coresidência com ambas as gerações é entre as mulheres de 15 a 29 anos, supostamente em decorrência das necessidades criadas pela maternidade precoce, que é uma realidade no caso brasileiro. Já o intervalo etário com maior coresidência de mulheres ensanduichadas entre gerações ascendente e descendente potencialmente demandantes é o de 40 a 49 anos.

Como os dados para o estudo das transferências, mesmo as intradomésticas, são escassos nas pesquisas domiciliares, este trabalho optou por analisar as demandas potenciais apenas segundo duas variáveis: a idade do filho coresidente e a condição de saúde da mãe, como captada pela PNAD. Considerando apenas essas duas variáveis, percebe-se que a simultaneidade das demandas recai sobre uma parcela bastante restrita de mulheres e por um curto período do seu ciclo de vida, concentrado entre os 40 e 49 anos. No entanto, esse parece ser o grupo que melhor se adequa ao conceito de geração sanduíche, conforme a utilização dos critérios utilizados na literatura sobre o tema e aplicados ao caso do Brasil. Desse modo, a GS no Brasil seria composta pelo grupo de mulheres de 40 a 49 anos, que possuem, no domicílio, a geração de mãe com dificuldades de realizar atividades do dia a dia e filhos jovens, com 14 anos ou menos.

Observou-se que, no momento do ciclo de vida com maior chance de demandas simultâneas no domicílio, apenas 10% das mulheres que tinham as gerações descendente e ascendente sobreviventes estavam de fato em tal situação. Esse resultado corrobora os achados de baixas prevalências de ensanduichamento entre os adultos estudados na literatura, como os apresentados por Pierret (2006), Höpflinger e Baumgartner (1999) e Evandrou, Glaser e Henz (2002). Os resultados dos modelos para caracterização das variáveis associadas à presença de filhos e mães potencialmente demandantes indicam que as características que se associam de forma positiva à existência de um filho potencialmente demandante são as que se relacionam negativamente à presença de uma mãe potencialmente demandante no domicílio. Interpretamos esse resultado como a evidência de que estes dois casos – ter filhos pequenos ou ter mãe com limitações funcionais coresidindo – são conflitantes, o que levaria à relativa escassez de domicílios formados com mulheres vivendo simultaneamente as duas situações. Esta é uma evidência, de todo modo, que vai ao encontro do que se apresenta na literatura: a simultaneidade de demandas por parte dos idosos e dos filhos não representa o caso típico na vida das mulheres adultas, podendo ser considerada, inclusive, um cenário pouco provável.

Destacam-se as limitações do presente trabalho, que se devem principalmente à limitação imposta pelas bases de dados disponíveis no Brasil. A geração sanduíche foi caracterizada considerando-se apenas as mulheres em cenário de coresidência com as duas gerações. Acreditamos que uma parcela desta geração pode não ter sido captada, uma vez que muitas mulheres podem oferecer apoio a gerações demandantes fora do domicílio. Entretanto, não dispomos de nenhuma base de dados para captar tal informação. Apesar desta limitação, um passo importante foi dado rumo a um maior conhecimento desta geração no país. O próximo passo é avaliar como o pertencimento a essa geração pode

impactar o bem-estar dessas mulheres, a exemplo do que já foi realizado para outros países.

Referências bibliográficas

- AARP (THE AMERICAN ASSOCIATION FOR RETIRED PERSONS). *In the middle: a report on multicultural boomers coping with family and aging issues*. Washington, D. C.: AARP, 2001, disponível em <http://assets.aarp.org/rgcenter/il/in_the_middle.pdf>, acessado: 26/6/2016.
- ARTILES L. Women in the middle: Cuba's sandwich generation. *MEDICC Review*, v. 10, n. 3, p. 48, Jul., 2008.
- ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. Timing of childbearing in low fertility regime: how and why Brazil is different? In: *IUSSP International Population Conference*, 26. 2009, Marrocos. *Anais...* Marrocos: International Union for the Scientific Study of Population, 2009.
- BARBOSA, M. M.; SILVA E SILVA, M. O. O Benefício de Prestação Continuada – BPC: desvendando suas contradições e significados. *Ser Social*, n. 12, p. 221-244, jun. 2003.
- BIANCHI, S. M.; HOTZ, V. J.; MCGARRY, K.; SELTZER, J. A. Intergenerational ties: theories, trends, and challenges. In: BOOTH, A.; CROUTER, N.; BIANCHI, S.; SELTZER, J. (Eds.). *Intergenerational caregiving*. Washington D. C.: Urban Institute Press, 2008.
- BRODY, E. M. “Women in the middle” and family help to older people. *The Gerontologist*, v. 21, n. 5, p. 471-480, 1981.
- *Women in the middle: their parent-care years*. New York: Springer 1990.
- CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L.; PASINATO, M. T.; KANSO, S. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Última década*, n. 21, p. 11-50, 2004.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L.; PASINATO, M. T. Famílias: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, A. A. (Org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: Ipea, 2004. p. 137-168.
- CARVALHO, D. F.; LAZO, G. V. Os arranjos domiciliares dos idosos atendidos pelo Benefício de Prestação Continuada (BPC). In: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Águas de Lindóia-SP, Brasil, de 19 a 23 de novembro de 2012. *Anais...* Águas de Lindóia: Abep, 2012.
- CAVENAGHI, S.; ALVES, J. E. D. A diversidade do comportamento reprodutivo de adolescentes e jovens no Brasil. In: X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos – ENABER. Recife, 2012. *Anais...* São Paulo: Aber, 2012. v. 1. p. 1-18.
- *Diversity of childbearing behaviour within population in the context of below replacement fertility in Brazil*. New York: United Nation, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 2011 (Expert paper, n. 2011/8).
- Fertility and contraception in Latin America: historical trends, recent patterns. In: CAVENAGHI, S. (Org.). *Demographic transformations and inequalities in Latin America: historical trends and recent patterns*. 1. ed. Montevideo: Alap, 2009. v. 5, p. 161-192.
- COWARD, R. T.; DWYER, J. W. The association of gender, sibling network composition, and patterns of parent care by adult children. *Research on Aging*, n. 12, p. 158-181, 1990.
- DERIGNE, L.; FERRANTE, S. The sandwich generation: a review of the literature. *Florida Public Health Review*, n. 9, p. 95-104, 2012.
- DORESS-WORTERS, P. B. Adding elder care to women's roles: a critical review of the caregiver stress and multiple roles literatures. *Sex Roles*, n. 31, p. 597-616, 1994.

- EVANDROU, M.; GLASER, K.; HENZ, U. Multiple role occupancy in midlife: balancing work and family life in Britain. *The Gerontologist*, v. 42, n. 6, p. 781-789, 2002.
- FINGERMAN, K. L. *et al.* Who gets what and why? Help middle-aged adults provide to parents and grows children. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, v. 66, n. 1, p. 87-98, 2010.
- GRUNDY, E.; HENRETTA, J. C. Between elderly parents and adult children: a new look at the inter-generational care provided by the 'sandwich generation'. *Ageing and Society*, v. 26, n. 5, p. 707-722, 2006.
- HENRETTA, J. C. *et al.* Socioeconomic differences in having living parents and children: A US-British comparison of middle-aged women. *Journal of Marriage and the Family*, v. 63, n. 3, p. 852-867, 2001.
- HÖPFLINGER, F.; BAUMGÄRTNER, D. "Sandwich-generation": metaphor oder soziale realität? ["Sandwich-generation": Metaphor or social reality?]. *Zeitschrift für Familienforschung*, v. 11, n. 3, p. 102-111, 1999. Disponível em: <http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/32228/ssoar-zff-1999-3-hopflinger_et_al-Sandwich-Generation_Metapher_oder_soziale_Realitat.pdf?sequence=1>, acessado: 26/6/2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*, 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/>>, acessado: 26/6/2016.
- JESUS, J. C.; WAJNMAN, S. Mulheres das gerações sanduíche no Brasil: uma análise a partir de dados censitários. In: *VI Congresso da Associação Latino-Americana de População*, Lima, Peru, 12 a 15 de agosto de 2014.
- KAHN, J. R.; CLARADY, C.; BIANCHI, S. *The reconfigured sandwich: a fresh look at support from the middle generation*. In: *Annual Meeting of the Population Association of America*. Boston: PAA, 2014.
- KENNEDY, S.; RUGGLES, S. Single Parenthood and Intergenerational Coresidence in Developing Countries. In: *European Population Conference*. Stockholm, 2012.
- KÜNEMUND, H. Changing Welfare States and the "sandwich generation": increasing burden for the next generation? *International Journal of Ageing and Later Life*. Linköping University Electronic Press. Vol. 1, No. 2, pp 11-30. 2006.
- LIMA, E. C.; TOMAS, M. C.; QUEIROZ, B. L. The sandwich generation in Brazil: demographic determinants and implications. *Revista Latinoamericana de Población*, ano 9, n. 16. jan./jun. 2015.
- LOOMIS, L. S.; BOOTH, A. Multigenerational caregiving and well-being: the myth of the beleaguered sandwich generation. *Journal of Family Issues*, v. 16, n. 2, p. 131-148, March 1995.
- MARKS, F. Does it hurt to care? Caregiving, work-family conflict, and midlife well-being. *Journal of Marriage and the Family*, v. 60, n. 4, p. 951-966, Nov. 1998.
- MARTINS, P. H. V. *Mudanças recentes na fecundidade adolescente no Brasil: a associação com a escolaridade continua a mesma?* 96 fl. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais – Face/UFMG, Belo Horizonte, 2016.
- MASON, C.; ZAGHENI, E. The sandwich generation: demographic determinants of global trends. In: *Annual Meeting of the Population Association of America*. Boston: PAA, 2014.
- MERZ, E.-M.; SCHULZE, H.-J.; SCHUENGEL C. Consequences of filial support for two generations: a narrative and quantitative review. *Journal of Family Issues*, v. 21, n. 11, p. 1530-1554, Nov. 2010.
- MILLER, D. A. The "sandwich" generation: adult children of the aging. *Social Work*, v. 26, n. 5, p. 419-423, Sep. 1981.
- MOTTA, A. B. A família multigeracional e seus personagens. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 111, p. 435-458, abr./jun. 2010.

- PENNEC, S. Four-generation families in France. *Population: An English Selection*, v. 9, p. 75-100, 1997.
- PIERRET, C. R. The sandwich generation: intra-family transfers among middle-aged American women. In: *Conference of European Statisticians. ECE Work Session on Gender Statistics*. Geneva, Switzerland: Statistical Commission and Working Economic Commission for Europe, 23-25 September 2002 (Working paper, n. 20)
- The “sandwich generation”: women caring for parents and children. *Monthly Labor Review*, v. 3, p. 3-9, Sept. 2006.
- ROSENTHAL, C. J.; MARTIN-MATTHEWS, A.; MATTHEWS, S. H. Caught in the middle? Occupancy in multiple roles and help to parents in a national probability sample of Canadian adults. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, v. 51B, n. 6, p. S274-S283, 1996.
- SETTERSTEN, R.; RAY, B. E. *Not quite adults: why 20-somethings are choosing a slower path to adulthood, and why it's good for everyone*. Random House Publishing Group, 2010.
- SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, dez. 2007. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/v37n132/v37n132a04.pdf>, acessado: 26/6/2016.
- THE MONEY ADVICE SERVICE. *The sandwich generation: an exploration of the affective and financial impacts of dual caring*. Ipsos MORI, June 2013. Disponível em: <https://www.moneyadviceservice.org.uk/files/sandwich-generation-report-final-100613.pdf>, acessado: 26/6/2016.
- WAJNMAN, S. *Demografia das famílias e dos domicílios brasileiros*. 161 fl. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais –Face/UFMG, Belo Horizonte, 2012.
- WIEMERS, E.; BIANCHI, S. M. Sandwiched between aging parents and boomerang kids in two cohorts of American women. In: *Annual Meeting of the Population Association of America*. Boston: PAA, 2014 (Working paper 2014-16). Disponível em: http://repec.umb.edu/RePEc/files/2014_06.pdf, acessado: 26/6/2016.

